

# O DESAFIO DA INTEGRAÇÃO INTERCULTURAL ENTRE ESTUDANTES GUINEENSES E BRASILEIROS NA UNILAB

Marceano Saúde N´dafa<sup>1</sup>

## **Resumo:**

O presente artigo situa-se no campo dos estudos de interculturalidade e de migração. Tem por objetivo geral, compreender as formas de integração dos estudantes africanos na diáspora cearense, em especial analisar os desafios da integração intercultural dos estudantes guineenses e brasileiros na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, no período de 2017. Para coletar seus dados usa-se da abordagem qualitativa, assim como da pesquisa documental e de campo utilizando questionários semiestruturados e de entrevistas com estudantes da UNILAB. A pesquisa estrutura-se nas discussões teóricas em torno da interculturalidade relacional, funcional e crítica de Catherine Walsh, da interculturalidade progressista e hermenêutica diatópica de Boaventura Souza Santos, do problema da integração sistêmica de Rui Pena Pires, da integração de proximidade de Jorge Macaísta Malheiro, da diáspora africana estudantil de Ercílio Neves Brandão Langa. Percebe-se que o problema da não integração tem a ver com a homogeneização, preconceito, racismo, discriminação que os estudantes brasileiros, muita das vezes, têm manifestado para com os estudantes de outras nacionalidades. Para superar esse problema é preciso desenvolver um trabalho de educação antirracista dentro da comunidade acadêmica da UNILAB, assim como no Maciço de Baturité, tentando transformar a integração numa política pública, com ações de integração no sentido de facilitar espaços de diálogo, de escuta de outro para aprender sobre ele e a sua cultura; criando assim uma cultura de parcerias, interações positivas, tolerância, compreensão mútua e solidariedade social e o respeito às diferenças.

**Palavras-chave:** Interculturalidade. Integração. Diáspora africana estudantil. Guiné Bissau. Brasil.

---

<sup>1</sup> Licenciando em sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).  
E-mail: [marceano91@outlook.com](mailto:marceano91@outlook.com)

## **Introdução**

O presente trabalho faz parte de estudos de Sociologia que investigam as questões de integração, interculturalidade e migração internacional. O aporte teórico está baseado nos estudos de Malheiros (2011), Pires (2012), Walsh (2010), Langa (2016), Santos (2009), entre outros autores. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é tida aqui como uma microsociedade que nos serve de pano de fundo para observar e analisar como se processam as relações sociais entre estudantes africanos, especificamente guineenses, e os brasileiros. Levando em consideração que o Brasil é o país receptor e a nacionalidade estrangeira majoritária é de estudantes guineenses na UNILAB, então, diante do que os interlocutores falaram, penso então na intervenção positiva para diminuir a segregação, o preconceito, o racismo, o rótulo, buscando então, políticas internas e externas que possam contribuir com a integração positiva. Além de promover formas de aproximação da cultura do outro, entender para respeitar e conviver.

A UNILAB é uma instituição que tem uma política de cooperação Sul-Sul e integração internacional com foco nos estados-nações que formam a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Seus estudantes são oriundos do Brasil, Timor Leste e Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP): Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. A Guiné-Bissau é o segundo país em número de estudantes, depois do Brasil.

Este artigo tem por objetivo de compreender as formas de integração dos estudantes africanos na diáspora cearense, em especial compreender os desafios da integração intercultural dos estudantes guineenses e brasileiros na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Essas são suas perguntas de partida: em quais momentos podem haver o diálogo intercultural entre os estudantes guineenses e brasileiros? Quais são as dificuldades da integração dos estudantes internacionais em especial os (guineenses) com os brasileiros na UNILAB?

A pesquisa é de modalidade qualitativa. Aplicou-se a entrevista semiestruturada para alguns alunos e algumas alunas, em 2016, que entraram desde o ano letivo de 2012.1 até 2015, como formas de aproximação com a realidade. O estudo contou com a participação de 12 discentes da UNILAB, de diferentes cursos e de sexo masculino e feminino. Foram entrevistados 6 estudantes brasileiros/as e 6 estudantes guineenses. Dentre cada nacionalidade,

essas escolhas levaram a considerar as várias etnias, nacionalidades e gênero dos alunos, isto é, 3 brasileiros e 3 brasileiras, 3 guineenses homens e 3 guineenses mulheres. Em seguida, temos um jovem e uma jovem de etnia Balanta; um menino e uma menina de etnia Pepel; um menino de etnia Mancanha e por último, uma menina de etnia Manjaca, entre outras etnias. Nessa pesquisa foram considerados alunos/as dessas etnias, ressaltando que existem muitas etnias na Guiné-Bissau. Dos 12 discentes entrevistados, elegemos para análise apenas 8 entrevistas, tendo em vista que a pesquisa é voltada para um artigo, e era o número suficiente para o embasamento de aportes teóricos de acordo com as literaturas elegidas para análise de dados. A idade dos interlocutores varia de 20 a 30 anos de idade.

A pesquisa é igualmente bibliográfica. Esse tipo de abordagem é desenvolvido a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros, teses e artigos científicos (Gil, 2010; Severino, 2007).

Os trabalhos de Romeu Gomes (2015) e Minayo (2015) sobre a metodologia das Ciências Sociais nos auxiliaram na interpretação do material coletado. Dessa forma, optou-se por uma análise e interpretação temática que levou em conta esses lugares que fazem a sociabilidade de estudantes guineenses e brasileiros/as: sala de aula, as relações afetivas e as festas de independências dos países que compõem a UNILAB.

Além da introdução e das considerações finais, o texto está estruturado em cinco seções: a primeira seção trata-se de descrever o contexto da criação da UNILAB e uma breve contextualização da Guiné-Bissau; segunda seção, explicar as categorias analíticas: interculturalidade, integração e diáspora africana estudantil guineense na UNILAB; a terceira seção, interpretando os dados produzidos no campo, para assim, apontar as possibilidades e desafios de diálogo intercultural entre estudantes guineenses e brasileiros/as.

### **Breve contextualização da UNILAB e Guiné-Bissau**

Segundo a ex-reitora da UNILAB, Nilma Lino Gomes (2013), após três anos da sua criação pela Lei nº 12.289 sancionada pelo Presidente da República, em 20 de julho de 2010, instituiu a UNILAB como universidade pública federal. Estabeleceu-se Redenção como sede e foro. A UNILAB é composta por quatro unidades, localizadas no Ceará- Redenção, Auroras, Acarape e uma na Bahia- São Francisco do Conde.

O primeiro campus a funcionar foi o da Liberdade, localizado em Redenção. O prédio

foi cedido por 20 anos pela prefeitura, com promessa de doação no final desse período, e funciona na antiga sede administrativa do município. As instalações passaram por uma grande reforma e ampliação. É abrigada a reitoria, setores administrativos e diversas atividades didáticas. Já o segundo campus dos Palmares- Acarape foi doação da prefeitura do próprio município. O terceiro campus é o de São Francisco do Conde, na Bahia, doado também pela prefeitura do mesmo município. A última unidade foi o campus das Auroras, ainda e entre Acarape e Redenção, em uma área de 136 hectares, doado pelo governo do estado do Ceará.

Sem contar com a data de 2008, que por meio da Secretaria de Educação Superior (SESU), o Ministério da Educação, instituiu a Comissão de Implementação da UNILAB que, ao longo de dois anos, fez levantamentos e estudos a respeito de temas e problemas comuns ao Brasil e países parceiros nessa integração. A Comissão levantou atividades para o planejamento institucional, preparou a organização da estrutura acadêmica e curricular e a administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finança.

Conforme Diretrizes da UNILAB (2010, p.10), um dos objetivos da UNILAB, é “promover avanços na produção e expansão do conhecimento em atender à necessidade de formação e de pesquisa de países de expressão portuguesa, em um universo de respeito às diversas identidades, ao pluriculturalismo e cooperação solidária”. Busca tornar-se, por meio da ciência e da cultura, um novo centro de referência e integração destes países, formando-se espaço de cooperação, transferência mutua de ciência e tecnologia, de intercâmbio de culturas e de fomento do desenvolvimento sustentável.

Daí, foram realizados vários encontros e debates entre os países parceiros, em que foram privilegiados temas propícios ao intercâmbio de conhecimento na perspectiva da cooperação solidária, além de sua aderência às demandas nacionais, relevância e impacto em políticas de desenvolvimento econômico e social.

Esses são os objetivos institucionais da UNILAB: ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (Lei nº 12.289/2010, art. 2º).

Apresentando Guiné-Bissau encontra-se localizada na costa ocidental do continente africano. Tem como superfície total de 36.125 km<sup>2</sup>. Apenas 24.800 km<sup>2</sup>, de área é habitada, devido às inundações das marés fluviais provocado pelas frequente chuvas regulares. Atualmente, a sua população é avaliada em cerca de um milhão e quinhentos mil habitantes. Ao Norte, o país faz fronteira com o Senegal e a leste e ao sul com a República da Guiné-Conakry. A Guiné-Bissau em toda sua dimensão, é banhada pelo oceano Atlântico. A parte insular é constituída pelo arquipélago dos Bijagó, com mais de 80 ilhas, maioria delas despovoada, vegetação tropical densa, desligado do continente por vários rios. (AUGEL, 2007).

A independência da Guiné foi proclamada em 24 de setembro daquele mesmo ano, de forma festiva em Lugadjol situada à sudeste, na região montanhosa de Madina de Boé.

Em virtude dos fatos mencionados acerca da cooperação, sucessivamente, acontece a migração, período ao qual os Bissau-guineenses deslocam-se do seu país, rumo ao Brasil, para estudarem nas Instituições de Ensino Superior. Isto vai de encontro ao que Mamadú Djaló (2014), relata que, quando Guiné-Bissau e Brasil tinham relações bilaterais e mais expressivas na cooperação educacional, técnica e cultural. Sem embargo, para ele, os primeiros estudantes chegaram depois da independência, em 1974, logo, ano a ano, o índice aumenta.

O que podemos perceber é que houve antes da diáspora, a existência e história da Guiné-Bissau. Por isso faz-se necessário essa contextualização a fim compreender historicamente as migrações estudantis e buscar compreender como acontece a interação intercultural em solo brasileiro.

### **Discussões teóricas sobre migração, diáspora, interculturalidade e integração**

A migração é um pêndulo de transitoriedade para um território interno ou externo, abrangedor de indivíduos e que independe do tamanho ou composição, que insere diversos tipos de migração. Faber Araujo (2014) traz, no seu trabalho, a procedência das palavras migração e imigração, em que a primeira, origina-se do latim *migratio*, que é passar de um lugar para outro e, a segunda, verbete ‘imigração’ e ‘imigrado’, é uma palavra composta do latim, “in” (em) e “*migratio*” que significa movimentar-se de um território considerado de nascimento para um outro. Na mitologia grega não havia a palavra migrante. Ulisses era considerado um estrangeiro, não era um imigrante na Odisséia. “Xenos” era o termo que se dava ao não grego residente em Grécia, que significava forasteiro, inconveniente e estranho

Nesta seção, abordaremos a questão das migrações internacionais dos estudantes africanos de ensino superior, com foco para com os alunos guineenses no Brasil, na UNILAB sediada no interior do estado do Ceará, nos municípios de Redenção e Acarape, no Maciço de Baturité. O fluxo desses sujeitos imigrantes é motivado com fins de estudo e se baseia na política de cooperação do Brasil com a Comunidade dos Países da Língua Portuguesa (CPLP), ao qual os acadêmicos fazem parte e, especialmente com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Timor-Leste que se encontra no continente asiático.

A internacionalização do ensino superior é, então, um procedimento estratégico inerente à reestruturação do poder, a movimentação da força de trabalho para cuidar do alargamento capitalista formou, em todo processo de modernidade, o pano de fundo de aglomerados mobilidades migratórios, peculiares e distintos. A migração estudantil se enquadra a esta finalidade na direção de responder a demanda do próprio Estado, regulado na obrigatoriedade de desenvolvimento e fortalecimento dos tratados políticos e econômicos (SOUZA, 2015)

Vale notar a contribuição de Gusmão (2013) que diz que a migração dos estudantes africanos que vêm estudar nas instituições de ensino superior (IES) brasileiras, é considerada a migração temporária e especial. Fazem parte de coletividade que transporta trajetórias e experiências diversificadas, porém são agentes de um duplo processo o da internacionalização das realidades africanas e brasileiras, também a circulação desses sujeitos traz à tona processos de cooperação entre nações que ocorrem direto naquilo que são quanto pessoas sociais, ineridas no espaço de tensão cultural política, singular e coletiva.

A despeito disso, notamos que o Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) e o Programa Estudante Convênio Pós-Graduação (PEC-PG) foram indispensáveis para a ascensão acadêmica dos africanos, especificamente Bissau-guineenses nas IES brasileiras, seguidamente tal assunto será abordado.

De acordo com Ismael Tcham (2012), o Programa Estudante Convênio de Graduação-PEC-G recebe em 1964 o seu nome que vigora até hoje em documentos do Ministério de Relações Exteriores – MRE. Uma comissão elaborou, em 1967, o primeiro instrumento normativo com 19 cláusulas, adequando-se a um convênio institucionalizado e regular, que regulamentava a distribuição de vagas, a seleção e o direcionamento dos estudantes nas Instituições de Ensino Superior –IES. Inicialmente, os programas estudantis PEC-G eram voltados aos países latino-americanos, depois passou a englobar também os países africanos.

Conforme Tcham (2012), foi instituído uma ação diplomática pioneira da Universidade da Bahia - UBA, no que diz respeito ao convênio educacional por meio de Estudos Afro- Orientais- CEAO com Itamaraty. Foram essas duas instituições que estabeleceram intercâmbios com países africanos. Havia interesse dos pesquisadores e religiosos de matriz africana da Bahia nessa aproximação educacional com os povos nagôs ou iorubas para manterem um contato direto com os ancestrais para os conexos culturais e religiosos.

O mesmo autor acima citado afirma, que o aspecto religioso foi um dos impulsionadores do estabelecimento de cooperação educacional entre o Brasil e países africanos na década de 1960. Logo, o primeiro grupo desembarcou na Bahia em sete de dezembro de 1961. Uma parcela composta por quinze estudantes, cinco ganeses, quatro senegaleses, dois cabo-verdianos, um camaronês e “três mestiços” de origem francesa, vieram fazer pós-graduação, já que não haveria exceções para as bolsas de pós-graduação para os estudantes provenientes da universidade de Dakar no Senegal.

Notadamente, Guiné-Bissau não ficou de fora, pois visava também uma ascensão desenvolvimentista, logo, enviava jovens, para se aperfeiçoarem formalmente nas IES brasileiras.

Há uma dificuldade em encontrar dados dos estudantes guineenses em Universidades públicas e particulares, e dentro desse aspecto fizemos questão de mostrar a contribuição efetiva da Edilma Desidério (2006), que retrata os dados estudantis africanos nas IES brasileira, na qual os Bissau-guineenses compõem no todo.

Falando sobre os dados de 1996 a 2000 dos estudantes guineenses nas IES brasileiras, Desidério (2006), afirma ter no Brasil um total de 15.568 africanos em que a população mais numerosa é de Angolanos com 40,5 %, o que equivale a 6.319, em seguida tem-se o Egito com 22% ou 3.386, depois Moçambique com 8,5 % ou 1328, logo após, África do Sul com 8.0 ou 1268, em último Cabo Verde, com 5,0% ou 804 residentes.

Ainda Desiderio (2006), ratifica, falando que a participação dos guineenses totaliza 58 estudantes no Brasil, 41 estão na rede particular e 17 na rede pública. O contingente no Rio de Janeiro (UF e Município) é o mesmo com apenas 11 estudantes na rede privada. Salienta-se nesse sentido, que conforme se observa por outras fontes de dados e informações, o fluxo procedente de Guiné-Bissau foi acentuado após 2000, especialmente na graduação e com um volume significativo para a rede pública.

Segundo Desidério (2006), percentual dos estudantes guineenses desde 1996 até os anos 2000 em cada região do Brasil, nota-se que o maior fluxo está concentrado na Região Sudeste com 147 estudantes, já em segundo lugar temos a região Norte com 29 e a Região Nordeste também com 29 estudantes, a Região Sul com 13 e em último a Região Centro-Oeste com 0.

Vale notar a contribuição de Antônio Gislailson da Silva (2016), que nada obstante, o controle de desembarque em território nacional pelo Aeroporto Internacional Pinto Martins em Fortaleza, com visto de estudante entre 1/1/2010 a 31/12/2014 foram de 1133 Bissau-guineenses. Relacionado aos dados, até dezembro de 2014 existia no Ceará em torno de 1133 Bissau-guineenses, ainda assim, o dado pode não ser real, como afirma a atendente Marlene Batista do Aeroporto Internacional Pinto Martins. Pode haver pessoas que concluíram cursos, porém, o sistema do aeroporto continua ativo por certo tempo, diz a atendente. É essencial a informação de que os dados podem ter sofrido alterações.

Todavia, os dados são voláteis, logo o número de 2000 a 2016 mudou bastante, intensificou-se o fluxo migratório dos guineenses para fins estudantis no Brasil.

Segundo a Diretoria de Registro e Controle Acadêmico (DRCA) da UNILAB, cursos presenciais Graduação: 3.976 (por nacionalidade: Brasil: 2.942; Angola: 180; Cabo Verde: 83; Guiné-Bissau: 628; Moçambique: 37; São Tomé e Príncipe: 78 e Timor Leste: 28, dados de abril/2018, disponíveis no site da UNILAB), estima-se que o número de estudantes guineenses é de 485, na UNILAB do Estado do Ceará.

Cabe compreender a diáspora dos sujeitos migrados na condição de estudantes a procura de formação superior no país de acolhimento. De acordo com Marilise dos Reis (2012), a diáspora tem a definição vinda dos termos gregos *dia* (através) e “*speirō*” (dispersão) associa-se a migração e colonização da Ásia Menor e do Mediterrâneo. Na concepção clássica, a ideia de diáspora corresponde a exílio oprimido, dor e sofrimento dos judeus exilados depois da conquista babilônica à Palestina.

Para Stuart Hall (2003), no seu livro *Da Diáspora Identidade e Mediações Culturais*, a noção de diáspora se assenta na dispersão dos caribenhos que vivem no Reino Unido, nos Estados Unidos ou no Canadá. O autor concentra-se mais no deslocamento de voluntários negros caribenhos em navio que chegava no Reino Unido. Esse evento foi um marco, pois foi

início da diáspora negra caribenha para a Grã-Bretanha no pós-guerra, e assim a ascensão multirracial.

Ercílio Langa (2016), enfatiza a definição diaspórica de acordo com o aumento de estudantes africanos no Ceará. Oriundos de uma variedade de grupos etnolinguísticos, presentificando identidades pluriculturais e diferentes ordens em solo cearense na atual migração internacional. A diáspora constitui-se de jovens dos 18 aos 35 anos de idade vindos de regiões a sul do deserto do Sahara e de família bantu, em sua maioria homens, porém o contingente feminino está crescendo.

Para Jorge Macaísta Malheiros a interculturalidade como categoria de análise, provocamos, em primeiro lugar, para percebermos que o mundo em que vivemos é cada vez mais complexo e multicultural. Para Malheiros (2011), a interculturalidade é um meio de estimulação da comunicação e da interação positiva entre múltiplos grupos culturais distintos, geracionais ou linguísticos que constituem a sociedade. Em suas próprias palavras:

A noção de interculturalidade, cujo desenvolvimento se situa, de algum modo, no quadro de promoção da comunicação entre culturas diferentes, acabou por ficar muito associada às questões da comunicação e, sobretudo, da educação, dando origem a toda uma linha de pensamento na área da pedagogia intercultural. (MALHEIROS, 2011, p. 24)

Vera Candau (2008) defende que uma das características essenciais dos problemas multiculturais é o fato de ter cruzado o campo acadêmico e social, e as políticas públicas. É bom saber que o multiculturalismo não nasce no âmbito acadêmico, mas sim, são as lutas das classes discriminadas e excluídas de uma cidadania plena, especialmente os associados às identidades negras que criam os lócus de construção do multiculturalismo.

A UNILAB, também, não foge desta realidade multicultural, onde emana construir um ambiente intercultural com base na sua diversidade étnico-cultural. A interculturalidade definida como sendo a superação dos limites etno-cultural e subsequentemente a criação de novos vínculos culturais que assentem no respeito mútuo entre os intervenientes, assim salientou Catherine Walsh (2009, p. 1), ao afirmar que “Entendemos interculturalidade como a possibilidade de diálogo entre as culturas”.

Catherine Walsh (2009) afirma que o problema da não integração intercultural não é somente a questão da diversidade, e sim, a estrutura-colonial-racial, ou seja, foi construída

dentro de uma sociedade e matriz colonial uma estrutura de diferença, de poder racializado e hierarquizado, em que acredita-se que o branco ou pelo menos branqueado estão acima do negro e do índio, então, a interculturalidade é o ponto central usado como ferramenta que se forma a partir das gentes, como demanda a subalternidade, oposta à funcional que se exerce primeiramente em cima. E que é necessário modificar as estruturas sócio-institucionais, a qual passa a proporcionar condições de ser, estar, aprender, conhecer e viver distintas.

Em virtude do que a autora afirmou, faz-se necessário ressaltar que a estrutura de branqueamento não é positiva, é vida para os brancos em detrimento da dizimação de negros, não é justo construir uma hierarquia racial dentro de nenhum país, quem dirá na UNILAB, pertencente ao Brasil que foi formado por um povo tão diverso em raça, etnia e cultura desde o início de sua exploração como colônia.

Para haver esse diálogo que tem a ver com a interculturalidade, precisa-se entender que a integração é indissociável, uma necessita da outra, para acontecer essa interação na instituição. De acordo com Rui Pires (2012), a palavra integração vem do verbo integrar que significa em português corrente, 'tornar inteiro'. Em sociologia, para ele, esse termo era usado com o sentido idêntico para indicar o conjunto de processos de composição de uma sociedade a partir da combinação dos seus elementos, sejam eles pessoas, organizações ou instituições. Essa combinação, em nenhum momento está concluída.

Nessa ótica, para Pires (2012), o problema da integração pode ser dividido em integração social 'das pessoas' e integração sistêmica 'das partes'. Em que, a integração social é a combinação dos vínculos e símbolos de pertença comuns nas relações entre pessoas e conjuntos de pessoas. A integração sistemática, como a combinação dos elementos de um mesmo sistema social, através de desenvolvimento de reciprocidades entre essas partes.

Cabe citar o trabalho de Jorge Malheiros (2011), *Promoção da interculturalidade e integração de proximidade*, onde ele propõe múltiplas ações concernentes à interação das pessoas. As sociedades receptoras e as suas organizações, com ênfase naquelas que desenvolvem atividades no domínio social junto de grupos com particularidades específicas que, constantemente, põem desafios, devem promover o conjunto de ações necessárias a uma boa integração dos imigrantes, assegurando a coesão social. São assim, indispensáveis políticas, medidas e ações decorrentes das políticas, que objetivam integrar os imigrantes, ou seja, fazê-los membros de total direito as sociedades de destino.

Malheiros (2011) traz conceitos de competências que buscam promover a integração, a primeira delas, competências culturais que tem a ver com a compreensão cultural de valores singular dentro das relações cotidianas. No entanto, é interessante colocar sempre os direitos humanos antes de qualquer questão cultural que fira o direito do outro. A competência seguinte é comunicacional e linguística, explana questões de ferramentas e práticas, essas têm a ver com a disponibilidade e esforço para interagir, tentar de certa forma alcançar domínio da língua de vários grupos do meio social. A competência no domínio da mediação, é a última apresentada que fala sobre a utilização de espaços, divergências em conviver com as diferenças na sociedade, ou seja, é quiçá imprescindível equilibrar esses pontos de vistas e buscar sempre mediar qualquer conflito.

Boaventura Santos (2009), em seus trabalhos, oferece as condições teóricas para a realização do diálogo intercultural, que ele chama de “hermenêutica diatópica. Para ele, com o reconhecimento de que todas as culturas são incompletas, isso vai facilitar um diálogo intercultural. Para tal, cada indivíduo deve saber e obedecer alguns princípios, que a sua cultura é incompleta, e a do outro também, pois, quando pensamos que uma cultura é dotada de completude, acabamos por acreditar na superioridade, no entanto, tal superioridade não se enquadra em nenhuma cultura, é devido a isso, que a cultura não se fecha, é incompleta.

Outro princípio que ele coloca é sobre a noção de tempo, quando houver diálogo entre indivíduos de culturas diferentes, cada um deve respeitar o tempo de diálogo, pois, todo passado traz conflito, no entanto, todas as pessoas estão abertas ao diálogo, no tempo de cada uma. O último princípio, é que os autores envolvidos no processo de diálogo que deve ser feito sobre temas que trazem convergências, para assim diminuir os conflitos, o que levaria a acordos mútuos (SANTOS, 2009).

Para Santos (2009), é preciso aceitar cinco subseqüentes orientações necessários transculturais por todos grupos culturais e sociais interessados no diálogo.

O primeiro aborda da completude à incompletude, é quando sentimos curiosidade por distintas culturas, além de nos descontentarmos com a que pertencemos. A incompletude, ou seja, o que não é pleno, gera tal consciência autoreflexiva, já o segundo, ressalta o reconhecimento do outro, reciprocidade intercultural de qualquer cultura. Para complementar traz-se então, terceiro que avança e vai da unilateralidade às partilhas, cada comunidade determina quando está ativa para o diálogo intercultural. O não fechamento cultural está intimamente ligado com as pausas dadas de uma fase a outra, e com o que pode ser revertido. A carência de regras que explicitem

o diálogo pode o transformar em fachada em frontal benevolência onde ocultam trocas culturais dispares.

Em seguida temos o quarto princípio, os temas dialogais devem suceder de acordos bilaterais, é improvável ascender à convergência, pois, a interculturalidade dos temas são problemáticas. Contudo, o indispensável é a incompletude da cultura. E por último, o quinto, a multiculturalidade progressista presume que o princípio da igualdade seja prosseguido com o princípio da diferença. A hermenêutica diatópica supõe a aceitação transcultural: “temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 2009, p.17-18).

Portanto, a UNILAB como sendo uma universidade multicultural, esse multiculturalismo deve ser assumido nos seus aspectos mais relevantes, onde se assenta numa ideologia de respeito pelas diferenças culturais; valorização dos ‘direitos’ ‘coletivos’ e preferimos que seja denominada de universidade pluriculturais, porque é cada vez mais marcada pela diversidade étnica e cultural, faz-se importante realçar a tônica da partilha e das relações entre diferentes grupos, porque as interações são sempre marcadas por sentimentos de estranheza e incompreensões mútuas. (MALHEIROS, 2011)

Como se pode perceber, o multiculturalismo ou Interculturalidade progressista tem por objetivos facilitar o diálogo intercultural, ou a integração de povos, pessoas e culturas.

Faz-se necessário ressaltar que há uma linha tênue nos relacionamentos, pois, existem os que deram certo e os que não. Isso advém da resistência, caso ela seja efetiva, os namorados não dariam certo, isto é, a resistência seria maior, porém, se os namorados conseguem conciliar a relação, juntando de forma benéfica as suas culturas, moldando-as paulatinamente, vão obter êxito no relacionamento. Tudo depende da subjetividade dos indivíduos envolvidos nesse processo, sem deixar que seja somente um namoro típico de ideologias brasileiras ou de guineenses.

A diversidade não é justificativa para impedir uma relação significativa, mas era para gerar uma sociedade que aprenda a aceitar e respeitar o outro com suas particularidades. Então, o diálogo intercultural deve servir como uma ponte entre todos os alunos e não uma barreira.

Em seguida, veremos como esse processo de diálogos interculturais da integração acontecem no cotidiano dos sujeitos pesquisados com bases em suas experiências.

## **Diálogos interculturais entre estudantes guineenses e brasileiros/as na UNILAB**

Essa seção tem por objetivo analisar as formas e momentos do diálogo intercultural entre estudantes guineenses e brasileiros na UNILAB e fora dela. Para tanto, elaborei essa pergunta para os entrevistados em campo: “Quais são os momentos ou ocasiões que você considera mais propícios aos diálogos e às aproximações entre estudantes guineenses e brasileiros na UNILAB e fora da UNILAB? ”; e a pergunta considerou, em termos de hipótese, as festas, as relações de vizinhanças, momentos de esportes, as aulas, as atividades acadêmicas, outras atividades mencionadas pelos/as entrevistados/as, como esses espaços privilegiados para diálogo.

### **Desafios da integração em sala de aula: o racismo de cada dia**

Traremos agora as análises dos espaços em que acontecem os diálogos interculturais, no parágrafo abaixo começaremos a tratar da sala de aula. Esse é um dos principais locais, pois, todos os dias os estudantes encontram-se ali em busca de aperfeiçoar o conhecimento, trocar experiências e aprender sobre a vida acadêmica. Em sala de aula deveria acontecer uma interação, efetiva, o diálogo intercultural.

Respondendo à pergunta, inicialmente levantada por nós, a entrevistada A.M<sup>2</sup> é guineense, estudante de sociologia, argumentou da seguinte forma: “A aproximação dos estudantes guineenses com os brasileiros talvez seja dentro das salas de aulas né, que as pessoas alguns né, não são todos que tem o diálogo e a aproximação”. (Entrevista concedida em 25/04/2017)

Segundo A.M, entrevistada já citada, os momentos oportunos para o diálogo intercultural entre os guineenses e os brasileiros, na sala de aula, se dá de forma parcial, pois, somente uma parcela mantém esse diálogo, outros não.

Uma de nossas entrevistadas brasileira do curso de história traz suas considerações acerca da pergunta anterior.

Eu vou falar da minha experiência, na UNILAB, quando eu cheguei, eu senti aproximação em sala de aula, no entanto há uma divisão clara, quando por exemplo, um trabalho de grupo, aos estudantes estrangeiros e os estudantes brasileiros, há essa separação dentro de sala de aula. Fora de sala de aula, ainda na UNILAB, a experiência que eu tive de aproximação mais forte quanto do corte dos auxílios, aí, a gente viveu um pouco mais, eu diria que essa integração que ainda não é bem definida, mas acredito que foi sim, pelo

---

<sup>2</sup> Optamos em abreviar os nomes de entrevistados para assegurar a privacidade.

menos, minimamente foi uma integração que onde, a gente partilhou algumas desilusões, algumas tristezas, algumas alegrias, algumas vitórias, algumas brigas fazem parte também (J.C.A, brasileira entrevistada em 10/03/2017).

De acordo com J.C.A, brasileira, acadêmica do curso de história, existe uma separação dos alunos brasileiros e internacionais em sala de aula, fator que dificulta o diálogo intercultural. E que aconteceu de forma pequeníssima uma aproximação, que ainda não é totalmente definida, isso quando houve o corte dos auxílios, pois os estudantes compartilharam suas tristezas; as desilusões ajudaram a unir mesmo que o final não fosse resoluto. Isso nos leva a questionar por que é que os estudantes brasileiros muitas das vezes não querem fazer parte do mesmo grupo de trabalho com estudantes internacionais?

O que se percebe dos entrevistados é que a resistência se dá devido ao falatório passado a diante, e logo, impede a interação devido as generalizações sobre os internacionais. J.C.A antes mencionada, percebeu que alguns alunos brasileiros fazem apontamentos negativos para com estudantes internacionais. Alguns estudantes brasileiros consideram alguns internacionais como preguiçosos: “[...] que em relações aos estudantes internacionais, é que têm preguiça de estudar[...]” ainda, disseram não gostar de fazer grupo com internacionais, pois, os mesmos não ajudavam no desenvolvimento do trabalho, deixando a responsabilidade para o brasileiro. “Presenciei alunos que vem falar para mim olha, não gosto de fazer grupo com estudante estrangeiro porque eles escoram nos trabalhos, não querem fazer, a gente chama não vem, muitos chegam muito atrasado, aí diz que perdeu o ônibus, da desculpa e, não traz nada. ” (J.C.A, brasileira entrevistada em 10/03/2017)

Nosso entrevistado J.T.L, brasileiro, discente do curso de Administração Pública, trouxe adjetivos utilizados para hostilizar a presença dos africanos, segregando, e tentando inferiorizá-los. “[...] eu vi em sala de aula, alunos que não queriam trabalhar com guineense, particularmente guineense, não era outra nacionalidade, eles julgavam serem pessoas inferiores, ele disse que não ia trabalhar com quem era ignorante, com quem mal sabia escrever e falar [...]” (J.T.L, brasileiro entrevistado em 21/02/2017).

Então, notamos que as justificativas não são admissíveis e, sim de cunho racista. O mesmo interlocutor J.T.L enfatiza o quão difícil é ter que passar por isso, situações adversas vividas e sentidas principalmente por alunos guineenses, “acho que experiência assim cara, alguns de vocês passaram aqui, eu acho caldo grosso para vocês em muitas situações, [...] chamando de burro, ignorante, que devia voltar pra África, é isso, [...]” (J.T.L, brasileiro

entrevistado em 21/02/2017). Isso vai de acordo com o que autora Nilma Gomes (2013) aborda no seu texto sobre as relações raciais no Brasil, na qual diz que,

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira (GOMES, 2013, p. 52)

Pode-se observar que existe uma ideia de hierarquia racial, em que o negro se encontra abaixo do branco, ou seja, uma raça quer se sobrepor à outra, e percebemos facilmente em atos racistas, que mostram comportamentos de intolerância, esboçando de forma direta ou indireta o ódio que sentem contra o negro, mas que para os racistas é incompreensível que não exista uma raça uma e melhor. Logo, o último interlocutor expõe em sua entrevista o fato em que alunos tentam de forma errônea justificar o motivo de não quererem manter um diálogo intercultural, dizem que os africanos são inferiores e ignorantes, então, ratifica-se a ideia de racismo, concretiza-se a partir daí, que uma sociedade racista não contribui positivamente para uma integração efetiva e coesa.

Notadamente, os empecilhos para um relacionamento coeso, acontecem devido ao racismo, a maioria não assume que é racismo e tentam justificar, o que nos faz perceber a profundidade de tal racismo, e que as raízes históricas mostram que o Brasil ainda é muito racista, e acredita-se que as propostas da UNILAB um dia possam de fato serem vistas na prática, se for assim, o racismo terá diminuído consideravelmente.

### **Relações afetivas: seu poder integrador e dominador**

Percebe-se uma certa mudança de alguns estudantes guineenses nas relações afetivas-sexuais com as meninas ou mulheres brasileiras que acabam por influenciar a forma de levar a vida, de maneira diferente comparado a que levavam no seu país de origem. Eu considero tal mudança natural, pois, é a nova forma de vivenciar relacionamentos no país do outro, levando em consideração o que é típico, pois nesta transição, com certeza vai haver essas mudanças diretas ou indiretamente no comportamento, principalmente para se adequar.

Logo, vai ao encontro do que foi exposto por J.C, guineense e estudante de Administração Pública, pois o mesmo sente uma estranheza no quesito relacionar-se com brasileira, pois além do “ficar à brasileira” tem também a imposição das meninas.

Eu já tive relação afetiva-sexual com brasileira [...]. Ela dizia, vamos “ficar”, nos primeiros momentos. Estranhei porque não era o que eu acostumava no meu país. [...]. O comportamento das meninas brasileiras que muitas das vezes, a questão de imposição em cima do homem. Comecei a habituar, porém, é preciso conhecer uns aos outros para dizer que estamos a namorar. Os homens procuravam namorar com uma menina, mas de um momento, como as brasileiras dizem vamos ficar, então as pessoas começaram a ter mais ficar do que namorar. Ainda sobre as oscilações, há a questão de escolher mulheres mais velhas para relacionarem-se, o que dificilmente aconteceria em seu país de origem, pois, pensam nisso como uma forma de respeitar alguém que tenha mais idade, há colegas que não estão namorando com as pessoas da mesma idade, digamos assim, um menino namora com a pessoas quase colega da sua mãe, isso é errado, dizem que o namoro não tem a idade, para mim tem sim, essa atitude não é certa. Um jovem precisa ainda viver a vida de acordo com a sua idade, não ultrapassando por questões monetárias ou dinheiro, só porque quero fazer isso, a pessoa vai me bancar. É necessário repensar isso. Então foi um aprendizado que me faz ser outra pessoa hoje (J.C, guineense entrevistado em 14/02/2017)

Notadamente há esse choque cultural, que não é bem aceito, como condicionar o outro, contudo, ao passar do tempo, acaba por adaptar-se de forma gradual à cultura do país receptor, fazendo com que haja também uma troca não somente de experiências, mas, de aprendizado.

Ainda sobre as oscilações, há a questão de escolher mulheres mais velhas para relacionarem-se, o que dificilmente aconteceria em seu país de origem, pois, pensam nisso como uma forma de respeitar alguém que tenha mais idade. Todavia, ao chegarem aqui, alguns mudam essa perspectiva, e estabelecem relações amorosas ou ficar com as *coroas*.

Langa (2016), fala sobre relacionamentos afetivo-sexuais de africanos e brasileiras, onde afirma que as interações e negociações identitárias são facilmente percebidas entre estudantes africanos e cearenses. Os participantes em sua maioria são homens e mulheres guineenses e depois as jovens brasileiras, podemos perceber também com as brasileiras mais velhas, chamadas de *coroas*, e moças de classes populares e jovens africanos.

A partir da fala de J.C, guineense já citado, pode-se perceber que os jovens comecem a relacionarem-se com as mulheres mais velhas, devido à questão financeira. No mesmo raciocínio de que J.C., Langa (2016) explica qual o papel das “*coroas*”, mulheres mais velhas que se relacionam com jovens africanos. São mulheres que pagam quase tudo, como as contas

do dia-a-dia, as compras de gêneros alimentícios, isto é, restaurantes e supermercados, aluguéis e até faculdade. O mesmo autor afirma o que foi elencado acima por um dos interlocutores, ao qual usa o termo ficar. Para o autor já mencionado, “ficar” são relações instantâneas que dura um período curto, de forma bem fugaz que podem durar até um mês ou menos.

Faz-se necessário trazer outros pontos de vistas de diferentes interlocutores, nesse parágrafo, N.N entrevistada guineense, cursa enfermagem, ressalta-se que,

Alguns guineenses alegam que as meninas guineenses ou africanas em geral, não são muito carinhosas e fingem muito. Então, por isso que eles são mais carinhosos com as brasileiras. Namora uma brasileira que é maior de idade ou maior que ele, e tenta submeter a todo custo em algumas coisas ou em algumas práticas. O que ele fazia, não faz mais, então eu verifico isso (N.N, guineense entrevistada em 24/04/2017)

Fazendo um paralelo entre o namoro de um guineense com uma guineense ou de um guineense com uma brasileira, denota-se que as brasileiras são mais carinhosas, e a partir daí passam a ser mais carinhoso com elas também. A subordinação acontece quando a menina brasileira é maior de idade, ou mais velha que o guineense, pois acabam cedendo, deixando de praticar o que faziam em Guiné Bissau.

J.C.A brasileira, discente do curso de História, traz essa contribuição no que se refere as relações afetivas entre os estudantes internacionais em particular os guineenses e as brasileiras. Para a mesma, numa relação encontra-se uma disputa para ver quem tem mais poder sobre o outro.

Na relação homem e mulher, eles disputam o espaço, disputam o poder. Então, tem hora que o homem faz as coisas e diz olha, ela tem que estar desse jeito, tenho que fazer assim com ela, é porque ela é minha mulher, assim como a mulher também diz: olha você é meu namorado, você não pode ir para festa ficar dançando com outra e, eu ficar aqui. Então quer ou não, é uma disputa de poder sobre o outro, então o conflito se dá por isso (Entrevista concedida com J.C.A, em 10/03/2017)

É notório que tem uma busca incessante pelo poder, mas que em um relacionamento tem que haver uma conciliação, onde o casal entrará em consenso para os dois levarem a relação de forma pacífica e saudável. “Eu sou macho, eu sou alfa da relação, então o poder é meu, nessa situação e ela, a menina, como tem a história da emancipação da mulher, ela disse não, o poder não é seu, eu posso fazer o que eu quero com o meu corpo” (J.C.A, brasileira Entrevistada em 10/03/2017).

Em relação ao mesmo assunto, percebe-se que há um choque cultural que, muitas das vezes dificultam o relacionamento. Segundo A.C.L.P estudante brasileira do curso de Bacharelado em Humanidades (BHU),

Há choques culturais nas entradas quando começa o semestre [...] tem esses atritos e falta muito diálogo, porque alguns companheiros interpretam que brasileiros ou brasileiras estão dizendo que a cultura do estupro é um elemento de algum país de África. Contudo, o assédio não é intrínseco apenas as brasileiras, mas acontece também com as africanas, pois o corpo negro é hipersexualizado. Quero deixar claro, com certeza as mulheres africanas de qualquer país, elas também sofrem assédio, [...] porque tem muito a questão de o corpo negro ser sexualizado (A.C.L.P, brasileira entrevistada em 04/05/2017).

O que se percebe sobre a sexualização feminina é que as estudantes brasileiras e guineenses sofrem com os assédios. Ademais, nota-se que os novos calouros brasileiros e internacionais é que passam por esses choques culturais com mais intensidade. Questões que tem a ver com os choques culturais são confundidas com a cultura do outro, como no caso do estupro, que não deve ser atribuída à cultura do outro generalizando como se fosse algo natural de país tal.

É notório que em algum momento pode haver relacionamentos de namoro, ou de “ficar” entre estudantes internacionais com os/as brasileiros/as, que inicialmente acontece de forma pacífica e tranquila, mas que ao final, pode acontecer algumas divergências que geram brigas, e às vezes levam como algo machista, podendo também haver equívocos, pois cada um vai falar sua versão.

O nosso entrevistado D.T, guineense do curso de Antropologia nos traz essa contribuição, dizendo que:

Em 2014, uma acusação a violência que envolve duas pessoas, um rapaz guineense e uma menina brasileira. Então, isso acaba fazendo com que as meninas tenham uma visão distorcida, generalizando ou homogeneizando todos os guineenses como agressivos. Nodou ou sujou a camisa de todos os meninos guineenses, chamados de violentos, de machistas, quando um guineense conversando com outra brasileira caloura, quando você der as costas, chega nos ouvidos dessa caloura as informações de que não deve se envolver com um guineense. (D.T, guineense entrevistado em 11/03/2017).

Generalizar traz um efeito de totalidade, ao qual não pode ser levado em conta, uma nação como Guiné-Bissau, não se faz pela atitude de um guineense, mas de muitos, o que se

percebe na fala de D.T mencionado acima que devido ao erro de um, os outros acabam sendo culpados também de forma injusta.

Então, dando seguimento a quesito relações afetivas, até as vestimentas das mulheres podem ser um fator que contribui para que os casais desistam de manter o relacionamento, pois não é fácil lidar com isso. Conforme afirma A.G.D.S brasileiro, acadêmico do curso de Sociologia,

Muitas brasileiras que tem o modo de vestir, [...] que para alguns guineenses esse é algo que chama muita atenção no que diz respeito as relações sexuais. Então, essa diferença contribui para que algumas vezes os casais desistam de manter o relacionamento, pois não é fácil lidar com isso. Existem vários casais entre brasileiras e guineenses e tudo mais, mas muita das vezes alguns acabam, porque não é fácil, por exemplo, lidar com a cultura totalmente diferente e despercebida por ti. (A.G.D.S, brasileiro entrevistado em 25/02/2017)

Nota-se que por não ter o mínimo conhecimento da cultura do outro sobre certos assuntos, acaba influenciando negativamente, criando atritos entre duas pessoas que estão se namorando ou “ficando”.

### **As festas de independências africanas e suas possibilidades de integração**

A.G.D.S, estudante de Sociologia, brasileiro e que estudou a questão da integração, morou um tempo em Guiné-Bissau e fala crioulo, trouxe essa resposta à pergunta sobre a integração de brasileiros e guineenses na UNILAB.

É o que acontece nas atividades, por exemplo, datas de independências de cada país, onde cada comissão realiza atividades culturais com intuito de valorizar e mostrar a cultura do seu país. São um dos momentos mais ideais que você tem na universidade, dentro da universidade para conhecer as culturas dos países que fazem parte da UNILAB. É justamente as independências, são as comemorações que acontecem nas independências. Paralelo a isso, tem também uma atividade que é na Semana de África, na qual você conhece também um pouco a cultura de cada país no que diz respeito, a culinária, vestes, as danças tradicionais e etc. (A.G.D.S, brasileiro entrevistado em 25/02/2017).

Para A.G.D.S, interlocutor exposto acima as datas das independências de cada país da UNILAB, assim como a Semana da África são momentos propícios para o diálogo intercultural entre os estudantes brasileiros e guineenses. Tudo isso porque, conforme ele, esses momentos proporcionam de um lado da parte dos/as africanos/as, especialmente guineenses, mostrar na prática as culturas do seu país. De outro lado, da parte dos/as brasileiros/as, motivam para conhecer e valorizar as culturas dos países da integração na UNILAB, por exemplo, a sua

culinária, suas vestimentas, suas danças tradicionais e modernas, são momentos de aprendizado e trocas.

Trazemos a contribuição do entrevistado D.T, guineenses, discente de Antropologia da pergunta anterior na qual ele expôs as seguintes afirmações:

Os momentos de diálogo e da aproximação, para mim, são momentos digamos de atividades culturais, que sempre tem sido organizado na universidade, em cada data de comemoração das independências dos países africanos dos quais pertencem aos estudantes aqui na UNILAB. Independentemente, a esse espaço interno da universidade, essa aproximação e diálogo também ocorrem nos espaços extra universitários, que são espaços de confraternização e diversão, que geralmente tem sido organizado pelos próprios alunos nos finais de semana, nos momentos de feriados, são organizados noites de danças e, nessas noites costumam ir lá os alunos que se interessam pela diversão [...]. (D.T, guineense entrevistado em 11/03/2017)

De acordo com D.T guineense o diálogo intercultural se dá a partir de atividades culturais, como as comemorações das independências dos países africanos elaboradas na universidade. Contudo, extrínseco à UNILAB, acontecem as confraternizações, danças e diversões que têm como organizadores os próprios alunos da instituição. Então, já nessas comemorações extra não há demarcação das fronteiras relacionais, pois são ultrapassadas por todas as nacionalidades. Diferente da limitação na sala de aula, verifica-se a amplitude do diálogo nesses espaços de descontração.

A perspectiva acima evocada vai ao encontro do que a autora Elcimar Simão Martins (2017) afirma, que os protagonistas foram justamente os estudantes guineenses que também contribuíram com as oficinas, como a gastronomia, os penteados, teatros, músicas, desfiles com trajes típicos, poesia, futsal e palestras sobre Amílcar Lopes Cabral, líder da independência. A mesma autora disse que o intuito de desenvolver essa ação foi para refletir sobre a Guiné Bissau e seus povos, as festas são momentos que possibilitam minimizar a saudade de casa, reviver e recriar costumes, ainda mais, expor para os brasileiros e estudantes de outras nacionalidades, sua vivência e origem. Tudo com o propósito da integração sociocultural internacional.

Ainda sobre os momentos que propiciam o diálogo intercultural, Langa (2015), escrevendo sobre a realidade de estudantes africanos no Ceará, mostra que as maiores confraternizações anuais são do dia 25 de Maio, dia de África e das independências dos países africanos, ao qual participam, africanos, brasileiros, turistas europeus, de países sul-americanos e das Guianas. Nas festas comumente, há muitas bebidas alcoólicas, cervejas, cachaças, whiskies e refrigerantes, para acompanhar, tem a culinária típica, como o *caldo mancarra* da

Guiné-Bissau e o *caldo cacheu* ou a *katchupa* cabo-verdiana, além do arroz branco, também arroz refogado, galinha frita e salgadinhos brasileiros.

### **Considerações finais**

A nossa busca incansável foi entender sobre o diálogo intercultural, e de acordo com os interlocutores notamos que o local que melhor representa a integração são as festas e atividades culturais. Sabemos ainda que os alunos brasileiros rotulam guineenses como detentores de menos conhecimento, ou com o cognitivo inferior, e por outro lado temos também alunos guineenses que usam mais a língua crioula, essas ações também tornam mais difícil o diálogo, criando uma segregação.

Todas essas ideias de minimizar o negro africano não foram aprendidas agora, há todo um processo histórico, as raízes coloniais encontram-se vivas e percebemos elas como base para estruturar a presença do racismo, do preconceito, da marginalização do negro, no entanto, a universidade é o seio para mudar essa realidade, acadêmicos que estão nesse ambiente para fazer reflexões críticas e construtivas, para assim, esquivarem-se das amarras coloniais e logo, o rompimento com essa estrutura aconteceria de forma mais efetiva.

Cabe citar o trabalho de Catharine Walsh (2010), onde ela diz que para que surta efeito é necessário enfrentar e transformar as estruturas e instituições que puseram de modo diferenciado, grupos, práticas e pensamentos na mesma ordem e lógica, que ainda é, racial, moderno-ocidental e colonial, e que todos nós acabamos participando. Uma tarefa de orientação descolonial e romper com as cadeias incutidas nas mentes e ainda, desescravizar as mesmas mentes, e desaprender o aprendido, para que assim se volte a aprender novamente. E que exige todo esforço para derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas deixadas pelo período colonial, e conceber processos, prática e estratégias novas para a intervenção crítica em ler o mundo

De acordo com a autora, as instituições apresentadas são as que regem a uma estrutura social racista. Além disso, a questão da homogeneização generaliza as atitudes, colocando todo e qualquer guineense como igual, quando na verdade, falta empatia e solidariedade. Não há pensamentos sobre o outro individualmente, falta observar o sujeito de forma singular.

É preciso engajamento de toda a comunidade acadêmica e da sociedade em torno, no processo de desconstruir e construir novamente, para que todos consigam através da criticidade,

libertar-se e abrir-se para o novo, afim de contribuir para a integração intercultural positiva, e saudável. Aprender a quebrar com as complexidades e serem ativos no processo de humanização.

### Referências bibliográficas

ARAUJO Faber Paganoto. **Mobilidade espacial da população e mercado imobiliário na periferia metropolitana**: a expansão dos condomínios fechados em Nova Iguaçu/ RJ. In: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/16/teses/826282.pdf>. Acessado em: 02/02/2019.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**: nações, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. – Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CAUDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan. Mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf>. Acessado em: 15/02/2019.

DESIDÉRIO, Edilma de Jesus. **Migração internacional com fins de estudo**: o caso dos africanos do Programa Estudante-Convênio de Graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://oestrangeriodotorg.files.wordpress.com/2017/12/tese-edilma-estudantes-estrangeiros.pdf>. Acessado em: 19/02/2019.

DIRETRIZES, Gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, julho de 2010. Disponível em: [http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes\\_Gerais\\_UNILAB.pdf](http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf). Acessado no dia 07/02/2019. Acessado em: 10/02/2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lerche. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso- Afrobrasileira (UNILAB), In: Lisboa, Portugal, Revista Lusófona de Educação, nº 24, P. 81-95. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/349/34929705005.pdf>. Acessado no dia 08/11/2018.

\_\_\_\_\_. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. [S.l.; s.n.], [entre 2005 e 2012]. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acessado em: 26/11/2018.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa, In: DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). 34. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GUSMÃO, Neusa M. M. Na terra do outro: presença e invisibilidade de estudantes africanos

no Brasil, hoje. *Revista de História (UFES)*, 2011, v. N. 26, pp. 191-204. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3724752>. Acesso em: 10/02/2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al.- Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. **Diáspora africana no Ceará: desafios diante da alteridade, ressignificações e identidades étnico-racial**. 2013. Disponível em: [http://abeh.org.br/arquivos\\_anais/E/E013.pdf](http://abeh.org.br/arquivos_anais/E/E013.pdf). Acessado no dia 09/11/2018.

MALHEIROS, Jorge Macaísta. **Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade**. In: Manual para técnicas/os. Lisboa, janeiro de 2011. Disponível em: [http://www.animardl.pt/uploads/files/20120717\\_045852\\_VerManualparaaPromoodaInterculturalidadeedaIntegraodeProximidade.pdf](http://www.animardl.pt/uploads/files/20120717_045852_VerManualparaaPromoodaInterculturalidadeedaIntegraodeProximidade.pdf). Acessado no dia 12/12/2017.

MARTINS, Elcimar Simão; et al. Protagonismo juvenil na diáspora: a experiência das festas da independência na UNILAB. In: MALOMALO, BasÍlele; MARTINS, Elcimar Simão; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra (Org.). **África migrações e suas diásporas: reflexões sobre a crise internacional, cooperação e resistências desde o Sul**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017, p. 179-201.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta, In: DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). 34. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PIRES, Rui Pena. **O problema da integração**. In: Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto, vol. XXIV, 2012, p.55-87. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf>. Acessado no dia 08/11/2015.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Diáspora como movimento social: A Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diaspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100761/308891.pdf?sequence=1>. Acessado em: 17/02/2019.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Uma concepção multicultural de direitos humanos**. In: Faculdade de economia de Coimbra, 2009, p. 39-97 Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao\\_multicultural\\_direitos\\_humanos\\_RCCS48.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF). Acessado no dia: 08/ 10/2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico, 23. ed. ver. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Antonio, Gislailson Delfino Da. **Trajetórias de estudantes guineenses no brasil: do processo de integração ao regresso/retorno**, Redenção, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/643/1/Antonio%20Gislailson>

[%20Delfino%20da%20Silva%20-%20com%20ficha.pdf?fbclid=IwAR2LYim61w7B2-yBWXDdXqlxnOTLamH2duiYaXU5MuWve0oTTkLadf\\_m25Y](#). Acessado em 19/02/2019.

SOUZA, Lorena Francisco de. **Migração para qualificação da força de trabalho e a questão racial**: Estudantes africanos/as lusófonos/as negros/as em universidades goianas. Tese de doutorado, Departamento de Geografia. São Paulo, FFLCH-USP, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/Marceano%20N%C2%B4dafa/Downloads/2014\\_LorenaFranciscoDeSouza\\_VOrig.pdf](file:///C:/Users/Marceano%20N%C2%B4dafa/Downloads/2014_LorenaFranciscoDeSouza_VOrig.pdf). Acessado em: 15/02/2019.

TCHAM, Ismael. **A África fora de casa**: sociabilidade, trânsito e conexões entre os estudantes africanos no Brasil, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11353/1/it.pdf>. Acessado em: 19/02/2019.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e educação intercultural**. In: Conselho regional Indígena, Cauca, p. 1-15, 2010. Disponível em: [https://docs.google.com/document/d/1sQ65ph4x\\_lzmJ2HA5kmxvhxxCrNmp127cTV75in75Dg/edit?CopiedFromTrash](https://docs.google.com/document/d/1sQ65ph4x_lzmJ2HA5kmxvhxxCrNmp127cTV75in75Dg/edit?CopiedFromTrash). Acessado no dia 10/11/2018.